

O tempo e as coisas

Miguel Leitão



1. A SENSIBILIDADE E OS AFETOS

E a tingir o que vejo, de tons de nostalgia,
esta saudade pungente,
profunda,
que a minha alma sente.

SONHAR ACORDADO

Cinzento
o nevoeiro envolve o que passa
e se reflete no molhado do chão

E arrefece o corpo cansado
e inerte
a que apetece dormir
e sonhar
na ausência de ti
a tua presença
aquecida e pequena
aninhada nos braços meus

É um torpe sossego
de cor
que embriaga ao de leve
e narcotiza aos pouquinhos
os olhos cerrados
negando-se a ver dois palmos além

Não enxergam lá fora
olhando para dentro
só veem alegres
a tua presença sonora
e cantante
que fala
e que chora
e sorri para mim
e entoa baixinho o amor sempre nosso

De manso te escondes
matreira e risonha nos meus pensamentos
e ocultas-me os lábios que tremem
sedentos
de se unir aos meus

Os meus
mais trementes nervosos
febris
procuram os teus que tentam fugir
sem força e vencidos
rendidos
a um desejo de amor
à força de um beijo
à fúria de um abraço que quer durar sempre

SAUDADE QUE A MINHA ALMA SENTE

Do lugar que tu bem sabes
vejo a paisagem que certo dia
me ensinaste:

São telhados e telhados
a perder de vista
com chaminés, claraboias, antenas,
postes e fios,
um entrelaçado de fios
a esquartejar o céu azul
que nem chumbo a separar
os pedaços
coloridos
de um vitral.

Só elevada perícia na visão
e no voo
permite às gaivotas driblar
e desenhar
seus brancos traços
de espiral,
sem ficarem cativas,
de asas suspensas
nos ardilosos fios de metal.

Para lá dos telhados,
o Douro,
a querer aconchegá-los
em jeitos de cachecol.

Mais além do rio,
na margem de lá,
o casario,
a cidade ao espelho,
o Porto a mirar-se
em águas douradas e mansas.

Para cá dos telhados,
estou eu,
aqui.

Eu,
na vertigem da paisagem
dos telhados e telhados
a perder de vista.

Eu,
sem ti,
mas não só.
Comigo,
este vazio.

E a tingir o que vejo, de tons de nostalgia,
esta saudade pungente,
profunda,
que a minha alma sente.

COMO O LIMO

Meu Amigo Varino,
que me escapas pelos dedos
quando te pretendo agarrar.

Como o peixe, como a enguia, como o limo
tens jeitos de te escapular,
de te soltar
dos meus braços,
de escorregar
do meu peito
quando te quero cingir.

Meu Amigo Varino:
és como a água corrente,
que a cantar
desde a nascente
se oferece à nossa boca.

A que agora me convida
e em que mergulho a taça
é já outra,
é já diferente!

Tinham os Gregos por certo
que não bebemos duas vezes
da mesma água de um rio.
A que há pouco se me ofereceu,
aqui perto,
já não é a desta taça.

Já lá vai,
mas muito à frente,
a sorrir e a saltitar,
à procura de outras taças
para saciar novas sedes
e refrescar
nova gente.

Assim contigo,
meu Varino Amigo.

Já bebi a minha dose.
A sede volta a apertar
e a taça está vazia!

Com que água irei enchê-la?

COMO A ROCHA

Meu velho Amigo Serrano
feito de granizo e de vento,
e de sol doirado e quente
dos dias bons:

Nunca te dei um abraço,
gesto que não tem a ver
contigo,
com tua aparência
teu porte,
e tua forma de ser.

És rude,
és rijo e és forte,
esculpido em pedra dura
e firme,
como a amizade tem de ser.

E a tua é.

Meu Amigo Serrano:
O teu braço é força de aço,
pode sempre,
pode mais
e tu podes mais ainda
que o teu braço.

Com ele eu posso contar
e contigo.

E sob esse aspecto tão rude
há a arca do teu peito
onde guardas os segredos
e os teus filhos
e os amigos
e todos aqueles de quem gostas.

E lá no meio de tudo,
desassossegado,
descomposto
e com ritmo descompassado,
escondes um coração
de mel,
ou de manteiga,
podre de tanta afeição.

Meu Amigo:
Perdoa que te chame rude.
Olha,
vou deixar-te este segredo:

Estar contigo
tem grude
e as horas passam depressa.

SOLIDÃO

A verdadeira solidão,
aquela que dói e estilhaça o peito,
não é estarmos sozinhos,
mas termos consciência de que os outros,
todos os outros,
não gostam de estar connosco.

É uma gangrena
cujo ponto nevrálgico consiste na rejeição
por parte de quem mais amamos.

UM CRAVO VINDO DO CÉU

para o meu neto Francisco

Um cravo desceu do céu,
abriu asas como um anjo
e veio poisar em minha alma,
ressequida!

E refrescou-a
como se fosse orvalho,
deu-lhe vigor,
deu-lhe vida
e fez renascer o amor.

Aquele fiozinho de voz
tão suave e adocicada
solta-se, às vezes,
e desata a chamar por mim.

Então,
o meu coração renova,
reverdece,
fica um jardim
no seu mais vivo esplendor!

ATRAÇÃO

Noite escura,
noite negra.

Natureza adormecida,
arrulhada pelos mochos
— fúnebre piar.

A borboleta
inquieta
tem horror à solidão.

Foge da noite preta
e vem.

Vem a saltitar,
transbordante de esperança,
de ilusão,
fascinada pela luz
que a atrai,
a seduz,
para depois a queimar!

Ai!
Quem me dera
fugir...
... poder fugir
da minha noite,
da minha escuridão.

Ai!
Quem me dera
voar...
... poder voar,
ter asas
para queimar
de encontro à chama de um coração!



TRAVESSIA DA BELEZA

O poetar como sonho do possível foi a primeira expressão de quem não se contentou com o primarismo do que aí está.

E o Miguel, no seu pendor reflexivo e pedagogia do saber, lê o mundo, as cidades, o advento do mistério, a luminosidade do reencontro amoroso com a dignidade e o rigor de quem, aceitando o imediato, o configura em narrativa, o torna humanizado pelo sabor do verbo, o transluz com a força da linguagem, fazendo-o existir para cada um, existindo, de antemão, para a sua inteligibilidade e sentimento.

Sabia-o poeta como construtor que sempre o conheci de conceitos, de objetivos, de sentidos abertos da Vida, do Mundo, da Humanidade. O filósofo é o maior convivente. Também o maior inconformista diante da barbárie e da desumanidade.

Fazer a travessia da beleza, só com condutores seguros, como o Miguel, sem desvios nem traições à verdade!

Os Parabéns do

Januário Torgal M. Ferreira